

Laura Fernanda Bulger

O Ângulo Crítico do Entendimento do Mundo

Estudos em torno da ficção de Agustina

Prefácio de
EDUARDO LOURENÇO



Edições Colibri

O ÂNGULO CRÍTICO DO ENTENDIMENTO DO MUNDO
ESTUDOS EM TORNO DA FICÇÃO DE AGUSTINA

Laura Fernanda Bulger

O ÂNGULO CRÍTICO DO ENTENDIMENTO DO MUNDO
ESTUDOS EM TORNO DA FICÇÃO DE AGUSTINA

Prefácio de Eduardo Lourenço

Edições Colibri

BULGER, Laura

O ângulo crítico do entendimento do mundo : estudos em torno da ficção de Agustina. – (Estudos e ensaios ; 4)

ISBN 978-972-772-725-4

CDU 821.134.3Luis, Agustina Bessa.09(042)

Título: O Ângulo Crítico do Entendimento do Mundo.
Estudos em torno da ficção de Agustina

Autor: Laura Fernanda Bulger

Edição: Edições Colibri

Capa: Ricardo Moita

Ilustração da capa:

Depósito legal n.º 258 439/07

Financiamento

Centro de Estudos em Letras
da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
e
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Lisboa, Maio de 2007

ÍNDICE

1. À margem do “Ângulo crítico” por Eduardo Lourenço	7
2. Nota prévia	9
3. Agustina Bessa-Luís – A contemplação perversa da leitura	11
4. Para uma leitura das “assimetrias dos espíritos”	25
5. Por cá, são brandos os costumes e os sonhos	41
6. Agustina, a mediadora da História	55
7. The Enigma of the Baroness from <i>Madalena do Mar</i>	61
8. <i>A ronda da noite</i> ou a hermenêutica do riso transgressor	73

À MARGEM DO “ÂNGULO CRÍTICO”

À imensa e inextricável tapeçaria romanesca de Agustina, dedicou Laura Bulger duas obras que a tornaram uma dos três ou quatro grandes intérpretes da autora de *A Sibila*. Talvez o seu conceito de crítica, viagem e reavistação de um texto criador contra o qual toda a visão crítica é impotente ou pleonástica, seja, no seu caso, inadequado. A obra de Agustina é uma espécie de floresta amazônica onde todos os *repères* de uma ficção tradicional só se descobrem na travessia sempre imprevisível da massa emaranhada do seu texto, oscilando sem cessar entre o buraco negro e o lago cintilante. Nessa aventura se perde, com consciência e paixão, a autora deste singular “ângulo crítico”, acerca da última Agustina, embora com a constante re-evocação da obra inteira.

A obra de Agustina tornou-se num dos “ícones” literários e culturais da ficção portuguesa de um século que ela abriu e ainda se não fechou. A nova contribuição de Laura Bulger vem iluminar de maneira original um mundo escrito que nunca perderá, por mais luz que sobre ele recaia, a sua estranheza onírica e a sua opacidade, ao mesmo tempo visceral e assumida. Essa consciência de “opacidade”, por assim dizer, ontológica e (antológica) da ficção de Agustina, cria entre os comentários que Laura Bulger lhe consagra e a obra mesma uma espécie de osmose que é já, em si, um exercício de íntima compreensão. Nestes seus comentários sobressai aquilo que há de (fantasmagórico) no mundo e na visão da autora do *Concerto dos Flamengos* ou de *A Ronda da Noite*, ocasionalmente, o fascínio incomum que as pátrias de Brughel e de Rembrandt exerceram sobre Agustina. Embora escritos, como se diz, a título de intervenções académicas, os breves ensaios-reavistações de Laura Bulger precisam ou renovam as intuições das suas duas obras agustinianas e incorporam-se aos mais interessantes estudos até

agora dedicados à nossa romancista-mor. E que não são tantos como a sua torrencial e fulgurante Obra merece desde que há mais de meio século ensombrou o imaginário português, convertendo o nosso espaço provincial num império sem segundo.

Vence, 22 de Fevereiro de 2007.

Eduardo Lourenço

NOTA PRÉVIA

Reunimos neste pequeno volume alguns ensaios sobre a ficção de Agustina Bessa-Luís, escritos ao longo de uns seis anos, prática continuada como réplica a uma escrita provocante na qual convergem estéticas e vozes diferentes, clássicas e populares, aberta a múltiplas hipóteses e interpretações. Alguns destes ensaios foram lidos para audiências diversas, umas heterogéneas, outras, na sua maioria especialistas em literatura, interessadas não em ouvir um julgamento crítico, noção ridícula se atentarmos na impossibilidade de legitimar a actividade crítica por meio de qualquer lei científica e ainda mais ridícula quando aplicada à criadora de *A sibila*, mas, julgamos, para, em diálogo silencioso com o texto oral, percorrer de novo os emaranhados romanescos de uma das maiores efabuladoras da literatura contemporânea.

Sem enveredar por considerações generalizadas sobre a natureza do ensaísmo crítico ou questionar a falibilidade do gosto e das opiniões valorativas, por não ser este o espaço para o fazer, reconhecemos no entanto que, embora o crítico deva manter o distanciamento que a apropriação de um texto alheio torna difícil sustentar, como se depreende da leitura de Paul Ricoeur (cf. 1991:320-37), há sempre o perigo que a subjectividade do leitor-crítico transpareça no comentário que se pretende ser isento, mas que raramente é dasapaixonado, o paradoxo de qualquer tipo de crítica.

Parafraseando Northrop Frye, o ensaio crítico não é mais do que uma “tentativa inacabada” (cf. 1957:3) e se por acaso essa tentativa representar um passo em frente, mesmo que vagaroso, num longo caminho a percorrer com vista a alcançar um significado possível, já nos damos por satisfeitos, atendendo à extensão e densidade de uma obra ficcional como a de Agustina, em que prevalece a visão de um mundo caótico cuja instabilidade impele o sujeito ao

questionamento incessante da verdade ou à relativização de qualquer certeza ou à procura da inteligibilidade num meio de opacidade perversa, impulso motivado ainda por um ângulo crítico que é refractário no seu entendimento do mundo tal como este foi criado.

Laura Fernanda Bulger

Obras citadas

Ricoeur, Paul, *A Ricoeur Reader, Reflection and Imagination* (1991) editado por Mario J. Valdez, Toronto/Buffalo, University of Toronto Press.

Frye, Northrop, *Anatomy of Criticism, Four Essays* (1957) Princeton/New Jersey, Princeton University Press.